

**POSTULADOS DO VEDANTA: CONTRIBUIÇÕES DE VIVEKANANDA
PARA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL A PARTIR DO
REPOSICIONAMENTO DO SUJEITO
DIANTE DE SUA EXISTÊNCIA, SIGNIFICADO E VALORES.**

**VEDANTA POSTULATES: CONTRIBUTIONS OF VIVEKANANDA
FOR SOCIAL TRANSFORMATION FROM THE REPOSITIONING OF
THE SUBJECT
IN FRONT OF ITS EXISTENCE, SIGNIFICANCE AND VALUES.**

Lívia Borges Lopes
Universidade Católica de Brasília

Resumo: O conceito de unidade preconizado nos sistemas Vedanta e Yoga e largamente difundido por Vivekananda no oriente e ocidente, apresenta elementos mobilizadores de transformação pessoal e social a partir da resignificação do sujeito e de sua função na sociedade. A partir do entendimento, da experiência e da fé, a ação do sujeito torna-se integrada e pacificadora. Noções sobre *karma* e *dharma* associados à ideia de unidade podem redirecionar o agir humano, moralmente afetado pelos rumos da sociedade pós-moderna.

Palavras-chave: Vedanta, Vivekananda, transformação social, cultura de paz.

Abstract: The concept of unity taught in the Vedanta and Yoga systems and widespread by Vivekananda in east and west, presents mobilizing elements of personal and social transformation from the reframing of the subject and its role in society. From the understanding, experience and faith, the action of the subject becomes integrated and peacemaker. Notions of karma and dharma associated with the idea of unity can redirect the human action, morally affected by the direction of postmodern society.

Keywords: Vedanta, Vivekananda, social transformation, culture of peace.

1 INTRODUÇÃO

Vivekananda (1863 – 1902), nasceu em Calcutá, em uma família aristocrática *Kshatriya*¹ da Índia. Seu nome de batismo era Narendranath, cujo significado é “líder dos homens”, o que parecia indicar a importância que teria para sua terra natal².

¹ Uma das divisões do sistema social de castas da Índia, a dos governantes e guerreiros. Sobre as castas Vivekananda enfatizou que os esforços deveriam ser para elevar o nível educacional, cultural e econômico dos hindus, ao invés de rebaixá-los. (BORGES, 2012)

² A data de seu nascimento, dia 12 de janeiro, é celebrada na Índia desde 1984 como o “Dia Nacional da Juventude”, em razão da inspiração que trouxe aos jovens para que alcancem metas elevadas na vida. A celebração dos 150 anos, iniciada em 2011, tem

Desde cedo Vivekananda se destacou em tudo que fazia. Da música, esporte e estudos filosóficos aos assuntos espirituais e práticas meditativas. Tinha um temperamento forte, profundo, questionador. Como mensageiro de ideais universais, sua influência ultrapassou as fronteiras do oriente, conquistando rapidamente as mentes ocidentais. Além da liderança natural, Vivekananda, como apóstolo do Vedanta, encarnava a

duração prevista de 4 anos, com a participação efetiva do Governo Federal da Índia e de governos locais. Estão previstas comemorações em diversas partes do mundo, com atividades sociais, educativas e culturais para difundir a mensagem de Vivekananda, a cultura de paz e a espiritualidade do Vedanta, em parceria com a Ordem Ramakrishna, uma das mais antigas e respeitadas ordens monásticas da Índia, fundada por Vivekananda e seus irmãos monásticos em 1897.

faculdade de discernir (do sânscrito *viveka*), característica essencial do nome monástico que adotou por sugestão do amigo Marajá de Kheti ao embarcar para o ocidente e com o qual se tornou mundialmente conhecido (ROLLAND, s/d, p. 5). O vigor presente em suas palavras vinha de um coração profundo e solidário, de uma mente aguçada e autocontrolada, e de uma espiritualidade insondável. O combustível para tal vigor, parece somar o conhecimento oriundo da percepção direta de verdades espirituais e seu proporcional altruísmo. Compatibilizava com naturalidade ciência e religião. Abalava as construções mais sólidas erigidas pelo preconceito e pelo fanatismo, sem, contudo, desprezar o sujeito que equivocadamente nelas se protegia e aprisionava. Atraiu pessoas de diferentes tendências psicológicas³ e personalidades da época. Sua influência, ainda crescente mesmo após 150 anos, revela o poder da mensagem de unidade que se fez portador.

O conceito de unidade propagado pelos vedantistas⁴ constitui o cerne desta pesquisa bibliográfica, que visa demonstrar a importância, atualidade e aplicabilidade dos ensinamentos de Vivekananda por pessoas de diferentes culturas e credos, apresentando elementos mobilizadores de

transformação pessoal e social a partir da resignificação do sujeito, do sentido de existência e de sua função na sociedade.

Vivekananda foi discípulo de Ramakrishna (1836 – 1886), “reconhecido como um dos maiores gênios espirituais do Hinduísmo⁵ moderno. (...) submeteu-se a várias disciplinas religiosas – incluindo o Cristianismo e o Islamismo – e ficou convencido de que todos os caminhos levam ao mesmo fim, ou seja a realização de Deus” (FEUERSTEIN, 2005, p. 191). Vivekananda destacou-se no oriente e no ocidente ao divulgar os ideais personificados por seu mestre: harmonia das religiões (*dharma-samanvaya*), harmonia entre filosofia, ciência e religião, respeito às mulheres e igualdade de castas, credos, raças, gênero, etc. Reacendeu verdades espirituais contidas nas escrituras, harmonizando seitas aparentemente contrárias. Modernizou a linguagem de antigos conceitos védicos. Ousou defender conceitos como: a divindade potencial do ser humano e a unidade da existência como fundamento da ética e da moral, reconhecendo a beleza e os desafios da diversidade como lei da natureza. Trouxe as tradições⁶ do Yoga⁷, Vedanta⁸ e

³ VIVEKANANDA (2004) reconhecia a diferença de tipos psicológicos e inclinações mentais. Considerava prático e suficiente agrupá-las em quatro grupos, sendo que cada pessoa manifesta uma combinação diferenciada de tais categorias. 1) O ativo, trabalhador; 2) O emotivo; 3) O místico e o 4) O filósofo. Para cada uma predominância, um caminho (respectivamente *karma yoga*, *bhakti yoga*, *raja yoga* e *gñana yoga*).

⁴ Vedanta não é uma nova religião, e sim o princípio subjacente que pode ser encontrado nas diversas religiões. Vivekananda afirmou por ocasião de seu discurso no Parlamento das Religiões que não veio fundar uma nova religião. “O seguidor da religião Vedanta não é nem hindu, maometano, cristão, parsi, ou de qualquer outra denominação. Ele pode fazer sua adoração em uma igreja, em uma mesquita, em um templo, ou em seu próprio coração, porque nosso corpo humano é o templo de Deus vivo, é a igreja do Pai todopoderoso, e é ali onde Ele deve ser adorado pelo espírito e em espírito.” (ABHEDANANDA apud THORNE, 1987, p. 21, tradução minha).

⁵ (*Sanatana Dharma*), que caracteriza-se por não ter fundador e reúne várias escolas filosóficas e seitas religiosas, representando a cultura dominante na Índia.

⁶ São seis as principais tradições ou *Darshanas* (ponto de vista): *Purva Mimansa* (fundado por Jaimini); *Vaisheshika* (fundado por Kanada); *Nyaya* (fundado por Gautama); *Samkhya* (fundado por Kapila); *yoga* (fundado por Patanjali) e *Uttara Mimansa ou Vedanta* (fundado por Vyasa).

⁷ A palavra *yoga* (*Yuj*) tem diversas aplicações no Sânscrito, dentre elas, destaca-se o sentido de união, da alma individual com a Realidade Última, e também o sistema ou método para alcançar tal fim. Na composição do Bhagavad-Gita Yoga era utilizada “para designar a tradição hindu de disciplina espiritual, incluindo diferentes abordagens à realização do Si Mesmo ou iluminação”. Nesse período o Yoga também era ligado ao *Samkhya* (*Shamkya-yoga*). (FEUERSTEIN, 2005, p. 261) Encontra-se no Gita (III-1) o questionamento sobre a superioridade de um caminho sobre o outro, (VYJOYANANDA, s/d). Tal questionamento é retomado no cap. V,

meditação pela primeira vez ao ocidente, em 1893, no I PARLAMENTO MUNDIAL DAS RELIGIÕES⁹, em Chicago, produzindo um impacto que até hoje ressoa como um convite pacifista e libertador.

Como profeta e representante da universalidade do Vedanta¹⁰, fez seu

sloka 2), sendo o caminho do conhecimento da realidade última e o da renúncia (karma-yoga, entendida como ação abnegada e renúncia aos frutos da ação e não propriamente renúncia à ação, pela total impossibilidade que ela representa diante de *Prakriti*, a Natureza, onde os três *gunas* estão sempre em movimento interna e externamente). Ambos, conhecimento e renúncia, representam um único caminho para a realização de *Brahman*. “De acordo com Shankara a conclusão do Bhagavad Gita e também dos Upanishads é que *Brahman* pode ser diretamente realizado somente pelo caminho do conhecimento e da renúncia, e não por outros meios” (NIKHILANANDA, 2004, p. 102, tradução e grifo meus). VIVEKANANDA (1967, p. 33) ao prefaciar sua importante obra, o Raja Yoga, esclarece sobre as mínimas diferenças entre os sistemas *Yoga* e *Samkhya*: “O sistema de Patanjali baseia-se sobre a filosofia Samkhya, sendo bem poucos os pontos de divergência. As duas maiores diferenças são: a primeira, que Patanjali admite o Deus Pessoal, sob a forma de Primeiro Instrutor, enquanto que o único Deus que a Samkhya admite é um ser quase-perfeito, a cargo, temporariamente, de um ciclo de criação. A segunda, os yoguis afirmam que a mente é igualmente onipenetrante como a Alma ou *Purusha*, o que a Samkhya não admite”.

⁸ Vivekananda utilizava o termo Vedanta em diversos sentidos: como idêntica ao hinduísmo; como parte do hinduísmo, sendo uma de suas tradições; e de uma forma mais ampla, como princípio não sectário de espiritualidade (TYAGANANDA, s/d).

⁹ O evento, em 1893, foi criado como parte das comemorações do quarto centenário do descobrimento da América por Colombo, como símbolo de liberalismo, tolerância e paz. Em 1920, vinte e sete anos depois, os EUA recebeu outro representante do oriente, Swami Yogananda (Paramahansa Yogananda) em evento similar (Congresso de Internacional de Liberais Religiosos) ocorrido em Boston, também inspirado pela sabedoria do Vedanta e do Yoga.

¹⁰ Baseada na amplitude do sentido etimológico da palavra vedanta (*veda*=conhecimento/sabedoria; *anta*=fim, essência) “Essência do conhecimento, essência da sabedoria”. Assim, não está relacionada à hegemonia de uma tradição sobre as demais, e sim, ao

discurso na abertura do evento, em 11 de setembro de 1893, exatamente 108¹¹ anos antes do trágico 11 de setembro de 2001. (BORGES, 2012), dizendo: “o sectarismo e a intolerância, cuja forma mais terrível de degeneração é o fanatismo – já há muito tempo se apossaram deste belo planeta. Cobriram-no de violência, inundaram-no inúmeras vezes com sangue humano, destruíram civilizações e levaram nações inteiras à desesperança.” (VIVEKANANDA, 2004, p. x. Em outro discurso, no final do evento, Vivekananda concluiu dizendo:

Lamento profundamente que alguém possa sonhar com a sobrevivência exclusiva de sua própria religião e com a destruição de todas as outras. Chamo a atenção de quem pensa dessa forma para o fato de que, sobre a bandeira de todas as religiões, em breve estará escrito, a despeito de qualquer resistência: cooperação, e não confronto, inclusão, e não destruição, harmonia e paz, e não discórdia (VIVEKANANDA, 2004, p. x).

Vanguardista, Vivekananda já rompia os preconceituosos limites da tolerância, propondo aceitação, respeito, igualdade, inclusão, cooperação em uma época em que apenas se enfatizava a tolerância. Embora tão jovem em idade, falava com ousadia e a sabedoria de quem ultrapassa os séculos e com a força capaz de estremecer as muralhas mais resistentes da ignorância humana. Dizia ele: “Não apenas tolerância, pois esta suposta tolerância geralmente é um insulto, e não estou de acordo com ela. Acredito em aceitação” (2004, p. 23). Continua:

Tolerância significa que acho que você está errado e estou apenas permitindo que exista. Não é uma blasfêmia pensar que você e eu estamos consentindo que os outros vivam? Aceito as religiões do passado e presto culto a Deus em todas elas; juntamente com cada uma, adoro a Deus na cerimônia ou rito que usarem. Entrarei na mesquita do mulçumano; entrarei na capela do cristão e

princípio universal subjacente às diferentes tradições religiosas (TYAGANANDA, s/d).

¹¹ 108 é um número significativo no hinduísmo e no budismo, presente desde as referências às deidades e virtudes, quanto à recitação de mantras (*japa*) e outras práticas espirituais.

ajoelhar-me-ei ante o crucifixo do altar; entrarei no templo budista onde me refugiarei em Buda e sua Lei. Entrarei na floresta e sentarei em meditação com o hindu que está tentando ver a Luz que ilumina o coração de cada ser (VIVEKANANDA, 2004, p. 24).

Com base na visão de unidade essencial do Vedanta, Vivekananda, transitava com maestria pelos temas transcendentais com a mesma facilidade com que enfatizava a Vedanta Prática para os problemas do cotidiano. Diferentemente do que se imaginaria para alguém de renomada estatura espiritual, seus ensinamentos também eram compatíveis com o pensamento científico, acessíveis e atrativos às mentes mais racionais, agnósticas ou ateias. Também observa-se que os ouvintes ou leitores de Vivekananda não poderiam passar incólumes às suas enfáticas assertivas, já que cada uma ensinava novas reflexões e atitudes. São mudanças de significado e comportamentos, coerentes com os valores éticos e morais que fundamentam seus preceitos, tais como respeito, igualdade, equidade, solidariedade, sendo capazes de solucionar conflitos, reduzir sofrimentos pessoais e tornar consistente e autônomo o agir humano ao romper padrões de condicionamento, imaturidade, superstição, fanatismo, e toda forma de alienação, perniciosamente manifesta como transferência de responsabilidade, inconsequência, projeção de conteúdos psíquicos e inconsciência. “O homem sábio contempla todos os seres no *Self*¹², e o *Self* em todos os seres. Por essa razão, ele não odeia ninguém. Para o conhecedor da Verdade, todas as coisas se tornaram o *Self*. Que tipo de ilusão ou sofrimento pode haver, para aquele que conheceu essa Unidade?” (Isha Upanishad).

¹² *Atman*, o Si Mesmo, sem forma, não sujeito ao tempo e espaço, onipresente. “O *Atman* é o único elemento no corpo humano que é imaterial. Por ser imaterial, não pode ser composto, e por não ser composto, não obedece à lei de causa e efeito, sendo por isso imortal. O que é imortal não pode ter começo, por tudo que teve começo deve ter fim.” VIVEKANANDA, 2004, p. 75.

2 POSTULADOS DO VEDANTA

Vedanta fundamenta-se nos principais *Upanishads*¹³, no *Bhagavad Gita*¹⁴ e no *Vedanta Darshana*¹⁵, segundo Sadananda no *Vedantasara*. A Advaita Vedanta (fim não-dual dos Vedas¹⁶), é a tradição dominante no Hinduísmo, com diferentes escolas, sendo as mais significativas o não dualismo absoluto de Shankara e o não-dualismo qualificado de Ramanuja (FEUERSTEIN, 2005, p. 26).

Esta unidade significa o Uno sem segundo, causa primordial de todos os efeitos, porém sem causa ou sendo a causa de Si-mesmo. Lê-se no *Bhagavad-Gita* XIV:3-4: “Este Universo de matéria é a minha matriz, em que ponho o germe de que provêm todos os seres. Quaisquer que sejam as matrizes de que nascem os seres, este Universo é a sua matriz, e Eu, o Pai inoculador.” E no cap. XV:15: “Eu resido no coração de todos os seres, de Mim se originam a memória, a percepção e também a perda delas. Eu sou o único que deve conhecer-se dos Vedas; sou o autor do sistema Vedanta e sou o conhecedor dos Vedas”.

¹³ Tradicionalmente, fala-se de 108 *Upanishads* contidos nos diversos Vedas, embora se saiba que são em maior número. “Composta do radical *Sat* (sentar) e dos prefixos *upa* e *ni*, e significa sentar-se perto do [próprio mestre]” (FEUERSTEIN, 2005, p. 243).

¹⁴ “‘Canção do Senhor’, a mais famosa de todas as escrituras sagradas do *Yoga* (FEUERSTEIN, 2005, p.75).

¹⁵ Ou *Brahma-sutra com comentários de Shankarāchārya* (788 – 820) – não-dualismo (*advaita*), *Rāmānujāchārya* (1017 – 1137)- não-dualismo qualificado (*visishtadvaita*) e *Madhvāchārya* (1199 – 1276) – dualismo (*dvaita*) (PARESHANANDA, 2005, p. 25).

¹⁶ Os Vedas são considerados as escrituras mais antigas do Hinduísmo e acredita-se ter sido compilado entre 2000 a 1000 a.C. . Foi estruturado pelo sábio Vyasa em quatro divisões *Rig-veda*, *Yajur-veda*, *Sama-veda* e *Atharva-veda*. Cada Veda está dividido em: *Samhita*, *Brahmana*, *Aranyaka*, e *Upanishads*, compostos respectivamente por hinos, orações, rituais, princípios morais, meditações, relatos de experiências transcendentais.

Quando esta realidade é conhecida, a alma individualizada, aparentemente separada, reconhece-se una com *Brahman*¹⁷. Quando a consciência se expande, rompe-se a ideia de separação, limitação e impermanência. Funde-se no Eterno. SHANKARACHARYA, o grande reformador que revitalizou o *Sanatana Dharma* consolidando a Advaita Vedanta (não-dualismo absoluto), em seu famoso tratado sobre sabedoria (Vivekachudamani) esclarece:

O Eterno, o Senhor onibarcante, sutilíssimo, sem exterior nem interior, permanece isolado; ao reconhecer esse Eu em seu próprio ser, o homem torna-se imaculado, puro, imortal. Sem tristezas, pois que é beatitude, o sábio nada teme, aconteça o que acontecer. (...) O conhecimento de que ele não é separado do Eterno torna-se a causa da liberação; o Eterno, a beatitude inconcebível, é o prêmio dos iluminados. (...) Ele atinge o Real, a Sabedoria infinita, o puro Eterno, que é o supremo, autosuficiente, a própria essência da bem-aventurança eterna, indivisível e uno com o oculto Eterno. Esse é o Ser, o supremo, sem segundo, pois não há realidade fora dele; nem resta coisa alguma, quando for atingida a Consciência da realidade transcendental. Quando forem alijadas todas as ilusões do entendimento, sem que nada reste, então todo este universo percebido como formas numeráveis pela ignorância, torna-se o Eterno, só e unicamente (1968, p.57 e 58).

Vedanta reúne filosofia e religião, trazendo em seu arcabouço verdades das mais elevadas, belas, práticas e universais buscadas pela humanidade. Segundo ABHEDANANDA, (s/d), diferentemente de outras filosofias, Vedanta não se ocupa de especulações. Oferece ao praticante um método seguro de autodomínio, paz e felicidade, que requer simplesmente, sinceridade de propósito e perseverante prática. Segundo VIVEKANANDA (2004), Vedanta tem características específicas, dentre elas é perfeitamente impessoal, não se devendo sua origem a nenhuma pessoa ou profeta. A tarefa de Vyasa foi compilar os textos sagrados.

¹⁷ “‘Vastidão’, do radical sânscrito *brih*, ‘crescer’ ou ‘expandir’, comumente traduzido por ‘Absoluto’” (FEUERSTEIN, 2005, p. 61).

Para SHANKARACHARYA (1999), “o objeto do Vedanta não-dualista é provar a natureza ilusória da distinção entre os seres vivos e *Brahman*, e entre os seres vivos entre si. Ela ensina essencial unidade de todas as coisas”. De acordo com a filosofia Advaita, “existe apenas uma coisa real no universo, denominada *Brahman*. Tudo o mais é irreal, manifestando-se e sendo criado a partir de *Brahman* pelo poder de *maya*¹⁸. Voltar a *Brahman* é nossa meta.” Para a Vedanta Advaita o ser humano é constituído de três partes: “o corpo, a mente e, além dela, o *Atman*, o *Self*. O corpo é o invólucro externo e a mente, o invólucro interno do *Atman*, aquele que realmente percebe e desfruta, o ser que habita o corpo e nele atua, fazendo-o funcionar por intermédio da mente” (VIVEKANANDA, 2004, p. 74).

O *Atman* nunca chega nem parte, não tem nascimento nem morte. É a natureza que passa diante dele e esse movimento se reflete nele. O *Atman*, ignorantemente, pensa ser ele, e não a natureza, que se transforma. Ao pensar dessa forma torna-se prisioneiro. Porém quando descobre que é imutável e onipresente, alcança a liberdade. O *Atman* aprisionado chama-se *jiva* (VIVEKANANDA, 2004, p. 78).

¹⁸ Poder criativo da natureza, composta pelos três *gunas* (*Tamas* (inércia), *rajas* (atividade) e *sattva* (equilíbrio)). Comumente associada com ilusão, porém não no sentido de negação da existência material ou alucinação e sim com a noção de existência relativa, onde a dualidade aparente se reveste de realismo, ocultando a verdade eterna, o Real, a Unidade subjacente.

Quadro 1 – Postulados Védicos

POSTULADO	TEXTO
Tu és Isso (<i>Tat Twan Asi</i>) Este Atman é Brahman (<i>Ayamatma Brahma</i>)	Sama Veda, Chandogya Upanishad VI, x,3 Atarva Veda,
A Consciência é Brahman (<i>Prajnaman Brahma</i>) Eu sou Brahman (<i>Aham Brahmasmi</i>)	Mandukya Upanishad VI, x, 2 Brihadaranyaka Upanishad II, v, 19 Rig Veda, Aitareya Upanishad V,3 Yajur Veda, Brihadaranyaka Upanishad I, iv, 20

Nota: Baseado no comentário de SHANKARACHARYA (1999, p. 108 e 167)

As sentenças descritas no quadro 1 “apontam para a realidade última e essencial unidade do homem – ou alma individual – com Deus – ou Alma Universal – sendo a Realidade que se acha por trás de ambos *Brahman* ou Pura Consciência (SHANKARACHARYA, 1999, p. 109). Para o ocidental, o conceito de realidade está relacionado ao mundo dos fenômenos, ao que aparece exteriormente. “Para o hindu, porém, este conceito está ligado à alma. Para ele, o mundo é aparência, e sua realidade se aproxima daquilo que nós chamaríamos de sonho” (JUNG, 2011, p. 101). “As palavras ‘externo’ e ‘interno’ são relativas ao corpo apenas; na realidade tudo é um, sendo o externo uma mera projeção do interno. A Consciência chega como se de uma dimensão superior” (NISARGADATTA MAHARAJ, 2005, p. 336).

O paradoxo básico de toda esta doutrina (Vedanta) é que, embora a identidade *jiva* e o *Brahman* – única realidade permanente – esteja além da mudança, deve ser conscientizada e restabelecida por meio de

um laborioso processo de esforço humano temporal. Esta situação é comparável à do homem que esqueceu a preciosa joia que traz ao redor de seu pescoço e assim sofre pesar e ansiedade, acreditando-a perdida. Quando reencontra alguém que a aponta, nada muda, exceto sua ignorância; mas isto (ao menos para ele) significa muito (ZIMMER, 1986, p. 287).

A Vedanta descreve dois métodos: *Adhyaropa* (*Adhyasa*) – sobreimposição (*upadhi*¹⁹) de atributos por meio da ignorância (*avidya*) e *apavada* – eliminação da sobreimposição por meio do discernimento (*viveka*). A causa aparece como seu efeito, sem que haja mudança alguma em si mesma. A ilustração da corda que é confundida com uma cobra é descrita no Vedantasara. Há uma série de escolhas e ações inúteis em função do medo decorrente desta crença ou percepção equivocada. O indivíduo se sente imaginariamente ameaçado e busca proteger-se. É a distorção que a falsa sobreimposição de qualidades de um objeto sobre outro pode causar, contudo, a corda jamais deixou de ser corda. As modificações afetam apenas o sujeito, ainda que em nível físico e emocional, mas não afetam o objeto. *Adhyaropa* deixa o sujeito reativo. *Apavada*, favorece a ação adequada (correta) e a pró-ação.

A Vedanta prescreve os seguintes passos: Escutar (*sravanam*), refletir (*mananam*) e meditar (*nididhyasanam*) e, posteriormente, absorver-se em *Brahman* (*samadhi*) (NIKHILANANDA in SHANKARACHARYA, 1999, p. 105 e 1160).

Desta forma, a Vedanta reconhece que o ser humano é divino e que tudo que o rodeia, tudo que é forte bom e poderoso provém dessa divindade e VIVEKANANDA (2004, p. 44) elucida, “ainda que em muitos essa divindade esteja latente, não há, em essência, diferença entre um homem e outro, pois todos são igualmente divinos.” “Consciente ou

¹⁹ Os *upadhis* se apresentam como nome, forma, ação, classe, atributo, divisão. (SHANKARACHARYA, 1999, p. 166).

	<p>Katha Upanishad “O Deus Uno se oculta em todos os seres” (Svetasvatara Upanishad, VI, 11).</p> <p>“A Alma é, em verdade, Uma; ela reside em todos os seres, como seu guia mais interno. A diversidade das Almas é como a diversidade dos reflexos da lua sobre as ondas.” (Brahmabindu Upanishad 12).</p> <p>“É indivisível e, contudo, aparece como se estivesse dividido em todos os seres.” (Bhagavad Gita, XIII, 16).</p> <p>1) Uno sem Segundo “É Uno sem segundo.” Chandogya Upanishad III, ii, 1 “Este universo inteiro está preenchido com o Ser, a quem não existe nada superior. Nada é menor ou maior do que Ele. Estabelecido em Sua própria glória, Ele - O Uno sem segundo - permanece</p>	
--	---	--

	<p>imóvel como uma árvore gigantesca” (Svetasvatara Upanishad, III, 9).</p> <p>2) Harmonia das Religiões <i>dharmasamanvaya</i>; “<i>Yato mat, tato path</i>²⁰” “A verdade é uma, mas os sábios a chamam por diferentes nomes” (Rig Veda).</p>	
--	---	--

Nota: A separação em tipos de unidade é meramente didática, pois uma decorre da outra, sendo sempre a expressão da mesma realidade.

Os valores éticos descritos no quadro 2 estão relacionados à crença e à experiência direta que os antecede e justifica. Por sua vez, cada valor conduz a ações morais que os confirmam, tais como clemência, paciência, moralidade, verdade, equidade, equanimidade, gratidão, intrepidez, discernimento, desapego, autonomia, sustentabilidade, continência, autocontrole e alteridade. Cada qual favorecendo o bem-estar do indivíduo no sentido pessoal, social e espiritual, com implicações positivas para a saúde física e convivência pacífica. A experiência é fundamental para Vivekananda. Crer, para

²⁰ Expressão bengali que significa "quantas forem as crenças, tantos serão os caminhos." Foi usada por Sri Ramakrishna para expressar a quintessência de seus doze anos de intensa realização espiritual, em que vivenciou em distintos momentos muitas das práticas espirituais de diversas tradições religiosas sob a orientação de especiais signatários de cada uma delas, tem chegado rapidamente ao ponto máximo de realização espiritual prescrito para cada uma delas. Assegurou em si mesmo, que cada uma delas conduz à mesma Realidade.

ele, não era algo fácil, sua natureza questionadora e coerente impelia-o à busca pela verdade, à comprovação, à precisão de um jnani. Nas palavras de ISHERWOOD, Vivekananda “duvidava muito por ser capaz de acreditar muito”. Tal rigor se justificava, já que para ele “crer significava absoluta dedicação ao objeto de sua crença.” (in VIVEKANANDA 2004, xxviii, xxix).

O efeito principal de nossa ação em benefício alheio é o de purificar-nos a nós mesmos. Esforçando-nos constantemente em fazer o bem aos demais, conseguimos esquecer-nos de nós mesmos: este esquecimento do eu é a grande lição que nos falta aprender. O homem pensa equivocadamente que pode achar a felicidade, porém, depois de muitos anos de luta, descobre que a verdadeira felicidade consiste em tornar-se inegoísta e que ninguém, exceto ele, pode fazê-lo feliz. Cada ato de caridade, cada pensamento de simpatia, cada ação boa reduz a importância que damos ao nosso ego... Aqui vemos que JNANA, BHAKTI e KARMA convergem para o mesmo ponto. O ideal mais elevado é a eterna e total abnegação: esquecer o “eu” e pensar unicamente no “tu”. A ética deve fundamentar-se na mais elevada abnegação, que é a base de toda a moral (VIVEKANANDA, s/d, grifos meu).

Qualquer ato feito ao próximo, é um ato a si mesmo. Cada alma individual é, também, uma parte da Alma Universal. Assim, ao ferir seu próximo, o indivíduo fere a si próprio; ao amar alguém, ama-se a si mesmo. “Logo que uma corrente de ódio é lançada, o mal que você causa também o prejudica, assim como o amor que flui de você está destinado a voltar para você. Eu sou o universo – este universo é meu corpo. Eu sou o Infinito, só que não estou cômico disso. Esforço-me, contudo, para alcançar essa consciência (VIVEKANANDA, 2004, p. 46).

A alma é potencialmente divina. A finalidade da vida é manifestar essa divindade interior pelo controle da natureza, interna e externa. Faça isso por meio da ação, do culto, do domínio da mente ou da filosofia (discernimento entre o Real e o irreal) – por um, mais de um ou por todos estes meios e seja livre. Nisso consiste a religião. Doutrinas, dogmas, rituais, livros, templos ou imagens são apenas

particularidades secundárias (VIVEKANANDA, 2004, p.I).

A verdadeira religião começa quando realizamos Deus como Pai Universal e Mãe Universal... O meio para lográ-lo é a purificação do coração. Isto significa atenção a moral. As leis éticas são os primeiros passos que conduzem a purificação do coração. Feito isto, o Ser começa a realizar-se. A moralidade é o fundamento de todas as religiões. Não é espiritualidade, porém conduz à espiritualidade. Um homem meramente moral pode não ser espiritual. Porém, um homem espiritual não pode ser imoral (ABHEDANANDA *apud* THORNE, 1987, p. 103, tradução minha).

A missão do Vedanta no ocidente não é fazer hindus aos cristãos, e sim, fazer melhor do cristão um melhor cristão, ao hindu um melhor hindu e ao mulçumano um melhor mulçumano; é convencer aos homens que em e por meio de todas as variadas religiões passa o fio comum da verdade, e qualquer que seja o caminho que siga o homem alcançará a Deus (SARADANANDA *apud* THORNE, 1987, p. 103, tradução minha).

Assim, a Vedanta aceita e legítima os diferentes caminhos, como caminhos que conduzem, rápida ou lentamente, ao Único. “Seja qual for a maneira em que os homens Me adorem, Eu satisfaço seus desejos. Ó Partha, de todas as maneiras, é o Meu caminho que os homens seguem” (Bhagavad-Gita, IV, 11). Vivekananda reconhecia essa verdade e incendiava os corações e as mentes de seus ouvintes, imersos no formalismo científico ou no formalismo dogmático de suas religiões, para vislumbrarem as verdades libertadoras do Espírito Universal.

Registrou ROLLAND (s/d) em sua célebre biografia sobre Vivekananda, o impacto de suas palavras na América. Conta Rolland que, diferentemente dos demais oradores no Parlamento das Religiões, que falavam de seu deus, do deus de sua seita, Vivekananda falou do Deus de todos, o Ser universal e foi ovacionado pela plateia. Mesmo jovem e sem ter preparado nenhuma de suas falas, Vivekananda tornando-se o mais popular no evento, falou com inspiração divina e em linguagem universal. Reforçou valores de aceitação, compreensão e respeito. Em

um de seus discursos citou, dentre outras frases dos livros sagrado, esta: “- Se alguém vem a mim, em qualquer forma que seja, Eu vou a até ele.”. Negar esta assertiva é o mesmo que tentar limitar o Ilimitado, condicionar o Incondicional, criar impossibilidades para Aquele de onde provém todo o possível e o aparentemente impossível. Diferentemente do que poderiam imaginar, Vivekananda não foi levar uma nova religião, mas estimular a que cada um fosse o melhor no caminho espiritual escolhido, respeitando as diferentes formas, igualmente legítimas, para buscar a verdade.

Os cristãos não tem que se converterem em budistas, nem os hindus ou budistas em cristãos, mas cada qual deve assimilar o espírito dos demais, sem deixar por isso de manter sua individualidade e desenvolver-se segundo suas próprias leis. (...) O Parlamento das Religiões demonstrou que nem a santidade, nem a pureza, nem a castidade são patrimônio exclusivo de igreja alguma no mundo e que todas as religiões são reverenciadas por homens e mulheres da mais elevada moral (VIVEKANANDA apud ROLLAND, s/d, p. 20 e 21).

ROLLAND (s/d) ressalta que “o efeito destas enérgicas palavras foi enorme. Iam dirigidas a todos os presentes, penetrando a cabeça dos representantes oficiais do Parlamento, comovendo a opinião. A celebridade de Vivekananda se firmou num instante, beneficiando a Índia inteira.” Vivekananda foi o discípulo de Ramakrishna mais proeminente, levou a mensagem da religião não sectária que seu mestre ensinava. Essa religião é a Religião Eterna, a Verdade, que os hindus chamam de hinduísmo, os mulçumanos Islã, os cristãos cristianismo (LOKESWARANANDA apud PARESHANANDA, 2009, p. 19).

Ramakrishna não predicou nenhum credo ou dogma, tão pouco rechaçou algum. Cada crença, cada prática, cada ritual era aceitável para Ele, porém nenhum era a única Verdade e validade. Nenhum profeta, nenhum livro sagrado esgota a Verdade, senão que só podem revelar uma parte dela. A verdade é o Ser. Nenhum pensamento ou expressão podem expressá-lo, manifestam-no só em parte, em todo caso. Tudo o que

existe é uma manifestação deste Ser. Tudo é portanto, divino e sagrado. ... A vida não é mais que um contínuo ato de adoração. Ramakrishna via a Deus em todas as partes, sobretudo no homem (LOKESWARANANDA apud PARESHANANDA, 2009, p. 19).

VIVEKANANDA (2004, p.24) de mente e coração aberto, deixa-nos um profundo questionamento: “O livro de Deus está terminado ou é uma constante e contínua revelação? É um livro maravilhoso – as revelações espirituais do mundo. A Bíblia, os Vedas, o Alcorão e todas as escrituras sagradas são apenas algumas páginas de um número sem fim que ainda resta para folhear.”

Unidade na diversidade é o plano do universo. Se é verdade que Deus é o centro de todas as religiões e que cada um de nós está se movendo em sua direção ao longo de um desses raios, então é certo que todos nós atingiremos esse centro, onde os raios se encontram e as diferenças terminarão (VIVEKANANDA, 2004, p. 24 e 25).

É evidente o sentido de religião universal para Vivekananda, onde todas as religiões são manifestações da religião universal ao longo das eras.

A religião universal não se limita a esta ou aquela religião, nem surgirá como apanágio das fantasias narcísicas, submetendo a tudo e a todos, negando a livre expressão da singularidade e diversidade. A religião universal evidencia-se então como um princípio fundante e apriorístico às institucionalizações, tal qual a natureza humana é subjacente a todo homem e mulher, desta ou daquela época, raça ou etnia (BORGES, 2012).

Diz VIVEKANANDA (2004, p. 29): “Se há alguma coisa de que tenho certeza é esta natureza humana que temos em comum.” Prossegue: “Assim acontece com essa religião universal, que passa através de todas as diversas religiões sob a forma de Deus, que existe e perdura por toda a eternidade.” Como espécie somos separados, como seres vivos, somos unos com o universo. “Esta existência universal é Deus, a Unidade suprema do cosmos. Nele somos todos um. Ao mesmo tempo, no plano da manifestação as diferenças devem sempre permanecer.”

Vivekananda surpreende a ambição sectária, decorrente do desejo de dominação hegemônica de algum credo existente; da fantasiosa especulação do surgimento de uma forma única de religião, onde todos se converterão; ou da conveniente distração do próprio ceticismo, por meio do aumento de adeptos de seu credo:

Não há de ser uma filosofia universal, nem uma mitologia única, nem um mesmo ritual ecumênico, comum a todas as religiões porque sei que este mundo, esta massa intrincada de mecanismos excessivamente complexos e espantosos, deve prosseguir funcionando com todas as engrenagens. (...) Reconhecendo a necessidade natural de diferenciação. Assim como por nossa própria natureza reconhecemos a unidade, também devemos aceitar a diversidade. Precisamos aprender que a verdade pode ser expressa de milhares de modos igualmente legítimos. A mesma coisa pode ser vista de cem diferentes perspectivas e ainda assim continuar a ser ela mesma (VIVEKANANDA, 2004, p. 30).

3 KARMA E DHARMA

Karma e *dharma* representam dois conceitos fundamentais no hinduísmo. “O hinduísmo é uma religião que afirma nitidamente a vida e o *dharma* hindu fala das obrigações do indivíduo para com a sociedade” (NARAYANAN, 2009, p. 86). A sociedade hindu abarca diferentes hierarquias e uma complexidade que foge à compreensão da investigação ocidental. Incluem diferentes dimensões morais e éticas da vida em sociedade, não se restringindo aos aspectos sociais. *Dharma* é retidão, virtude, dever, ordem moral. No hinduísmo, “a moralidade é o próprio fundamento do mundo” (FEUERSTEIN, 2005, p. 79). *Dharma* e *Karma* estão de certa forma relacionados. *Karma* significa ação, sendo também utilizada para designar os frutos da ação. Divide-se em *sanchita karma* (força kármica acumulada); *prarabdha karma* (força kármica que está produzindo seus efeitos) e o *agami karma* (que está sendo produzido agora e que dará frutos no futuro). “Quando uma ‘amadurece’, torna-se cinética e começa a agir sobre a mente e

corpo do agente da ação. A força kármica, nesta forma cinética, é chamada *prārabdha karma* – a força kármica que já iniciou a provocar os efeitos” (BHASKARANANDA, s/d, p.2).

A força do *karma* é apenas uma das muitas forças que controlam sua vida. Mesmo com estas forças agindo sobre ele, tem certa quantidade de liberdade de ação também. Ele deveria exercer esta liberdade atuando de uma maneira que o isente de sofrimento ou dor no futuro e ajudando-o a atingir a liberação através da realização de Deus (p. 4).

A decisão interna voltada para o autoaprimoramento, autoconhecimento e autocontrole, reforçada pelas práticas espirituais, tem efeito sobre o *sanchita karma* e sobre o *ágami karma*. Ao *prārabdha karma*, não se pode escapar completamente, porém a intensidade de suas forças pode ser reduzida ao entregar-se completamente a Deus. “Shrī Sārādā Devī (1853-1920), uma das grandes mulheres santas da Índia, dá suporte a esta opinião. Ela diz, ‘Entregando-se a Deus um devoto pode reduzir consideravelmente seu *prārabdha karma*’” (BHASKARANANDA, s/d, p.4).

Naturalmente, a teoria do *karma* envolve a ideia de coletividade e toda moral que a justifica, ainda que com expressões variadas em cada época. Porém, associar o *karma* à transgressão é limitar um conceito amplo ao aspecto punitivo da moral humana. Deus é o *karmaphaladātā*, dispensador de todos os frutos e de toda justiça. Seus frutos podem ser amargos ou doces, conforme a ação que o originou. Em estado de pureza mental, aquele que se elevou espiritualmente sente que é instrumento de Deus, para este, passa haver predestinação (Deus como agente da ação), cessando a doutrina do *karma* (BHASKARANANDA, s/d, p. 6).

VIVEKANANDA (1977, p. 151) aponta para a cooperação para elevação social, moral e espiritual, individual e coletiva, propagando uma ideia central dos Upanishads que é a solidariedade do universo, sem a qual, a vida não se sustentaria. Para Durkheim a solidariedade é essencial para a sobrevivência da sociedade. A despeito de Durkheim considerar que com

o desenvolvimento das sociedades modernas a religião se tornaria menos influente, também afirmou teria continuidade algum tipo de ritual ou atividade cerimonial em que haja “celebração de valores humanistas e políticos, como a liberdade, a igualdade e a cooperação social” (DURKHEIM *apud* GIDDENS, 2005, p.432). Tal continuidade está diretamente relacionada ao *Dharma*, que entre seus significados, encontra-se segurar, sustentar, requerendo ações adequadas.

A qualidade do entendimento, a profundidade da experiência soma-se à fé (*sraddha*), inicialmente em si mesmo, depois em Deus, que é tida como um dever fundamental, tanto no Bhagavad-Gita (cap. IV:39 e XVII), em outros textos sagrados, quanto nos ensinamentos de VIVEKANANDA (s/d, p. 23), que em síntese diz: Odiar a si mesmo é degeneração, o mesmo acontece a uma nação. O progresso está vinculado à crença em seu próprio valor e capacidade. Também na dimensão da espiritualidade, *sraddha* é essencial para levar ao progresso (TURIYANANDA *in* VIVEKANANDA, 1976, P. 99). A fé elimina o medo e favorece à receptividade para a graça divina. Muda o foco das limitações para as possibilidades e soluções; da dor para esperança; da sensação de injustiça para a entrega ao princípio de justiça. Traz força, intrepidez e autonomia por um lado e por outro, humildade, obediência e entrega. Com entrega, é possível apreciar as experiências, desapegado do juízo de valor e da díade agradável e desagradável, prazer e dor. Com a perspectiva do observador, da testemunha, sabe que “o valor de qualquer experiência ou de qualquer ideia reside em sua tendência para a formação do caráter” (ALEXANDER, s/d, p. 85). A entrega é ao mesmo tempo desafio e solução, devendo ser completa, de tudo quanto é bom e mau no indivíduo (p. 77). Nela incluem-se as pretensões e apegos. Assim, o indivíduo permanece livre para (re)conhecer-se, sem deter-se na sobreimposição de erros históricos sobre a alma imortal. Deter-se é alimentar a autocomiseração, vitimização,

pena alheia e irresponsabilidade. É reforçar o poder ilusório do erro, da ignorância, das trevas e da separação, comprazendo-se em punir-se excessivamente para remissão da culpa. Tal atitude torna o ser humano infantilizado e manipulável.

4 CONCLUSÃO

Considerando as tendências da sociedade pós-moderna, pode-se observar um curioso movimento à uniformidade, à massificação de conceitos, em uma espécie distorcida de unidade, onde o Ser não é valorizado e o aparentar ocupa o lugar dos interesses e motivações. O ser humano mergulha no reflexo e não na luz que lhe origina, distanciando-se do conhecimento de si mesmo e da paz que advém de tal conhecimento. Consequentemente, os apelos materiais de seu corpo transitório tornam-se predominantes e o exercício da moral, duvidoso. “A orientação opera nesses dias mais pela estética do que pela ética. Seu principal veículo não é mais a autoridade ética dos líderes com suas visões, ou dos pregadores morais com suas homilias, mas o exemplo das celebridades à vista” (BAUMAN, 2003, p.63). A orientação insinuada atua pela sedução, pela suposta fantasia de se locupletar com os estímulos sensoriais, com a exibição de experiências e conquistas, com a possibilidade de se igualar materialmente a seus ídolos. O indivíduo cada vez se distanciando de sua essência. A normatização da sociedade, antes imposta, encontra seu extremo - a ruptura não verbalizada com o bem comum, agora centrada no hiperindividualismo, no consumismo e na permissividade - ocorrendo “a substituição da regulamentação normativa pelos poderes sedutores do excesso” (BAUMAN, 2003, p.117).

Diante do excesso de leis, surge o desejo de ruptura, de liberdade e diante da consequente perda da autoridade formal e de seus representantes, emerge no imaginário coletivo o desejo de leis mais

severas. Ambas equivocadas. A mera obediência às leis, reduz o indivíduo à matéria e psique manipulada. Para VIVEKANANDA (1976, p. 17) a vida é uma afirmação de liberdade e o excesso de leis significa morte. O amor é o principal caminho que conduz à realização e o amor ao Senhor produz o cuidado ao que a Ele pertence, o universo. Isso diz respeito também ao universo interno e externo, e o cuidado transforma-se em conjuntamente em autoestima e em altruísmo.

A globalização e a revolução nas tecnologias de comunicação criaram novos e complexos processos no indivíduo e na vida em sociedade. A ética da unidade que ensina a Vedanta pode amenizar os impactos negativos de uma unidade global aparente quando não válida ou não permite a autonomia de cada unidade que a compõe. A unidade de que fala a Vedanta, permite a diversidade e, consequentemente, a autonomia interdependente de cada indivíduo e sua cultura, credo e papéis sociais. Cumpre o dever proporcional à sua função na sociedade, sem ambicionar o dever alheio, por melhor que este possa parecer, trabalhando para a melhoria de condições para todos no local onde se encontra.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABHEDANANDA, Swami. *El desarrollo espiritual y otros temas religiosos*. Buenos Aires: s/d.

ALEXANDER, J. F. *Nas horas de meditação*. São Paulo: Pensamento, s/d.

BHASKARANANDA, Swami. *The Essentials of Hinduism*, capítulos IX, X e XI, s/d. Disponível em: <<http://www.estudantedavedanta.net/A%20DOUTRINA%20DO%20KARMA.pdf>> Acesso em: 22 abr.2012

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BORGES, Livia, *A universalidade do Vedanta: contribuições de Swami Vivekananda para a cultura de paz*. In: VI Congresso Internacional em Ciências da Religião, Goiânia, setembro 2012. Disponível em: <http://www.cpgss.ucg.br/home/secao.asp?id_secao=3832&id_unidade=7> Acesso em: 13 nov. 2012, p. 391-397.

DELORS, J. *Educação um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Brasília, UNESCO, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>> Acesso em: 12 dez. 2012

FEUERSTEIN, Georg. *Enciclopédia de Yoga da Pensamento*. São Paulo: Pensamento, 2005.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e religião oriental*. Petrópolis: Vozes, 2011.

LORENS, F.V. (Trad.) *Bhagavad Gita – a mensagem do Mestre*. São Paulo: Pensamento, s/d.

NARAYANAN, Vasudha. *Conhecendo o hinduísmo: origens, crenças, práticas, textos sagrados, lugares sagrados*. Petrópolis: Vozes, 2009.

NIKHILANANDA, Swami. (Trad.) *The Bhagavad Gita, translated from the Sanskrit, with notes, comments, and introduction by Swami Nikhilananda*. New York: Ramakrishna Vivekananda Center, 2004.

NISARGADATTA MAHARAJ, Sri. *Eu Sou Aquilo (Tat Twam Asi) – conversações com Sri Nisargadatta Maharaj*. Porto Seguro: Advaita, 2005.

PARESHANANDA, Swami. *Ramakrishna Vivekananda Vedanta: Para vivir una vida espiritual*. Buenos Aires: Ramakrishna Ashrama, 2005.

_____. (Org.) *Sri Ramakrishna – El encantador juego del Infinito en lo finito*. Bella Vista: Ramakrishna Ashrama, 2009.

PRABHAVANANDA, Swami. *O Sermão da Montanha segundo o Vedanta*. São Paulo: Pensamento, 1986.

VIVEKANANDA, Swami et all. *El mensaje de Sri Ramakrishna, por sus discípulos directos*. Buenos Aires: Ramakrishna Ashrama, 1976.

_____. *Karma-Yoga – a educação da vontade*. São Paulo: Pensamento, s/d.

_____. *Raja-Yoga – o caminho real*. Rio de Janeiro: Vedanta, 1967.

_____. *O que é religião*. Rio de Janeiro: Lótus do Saber, 2004.

_____. *Filosofia Vedanta*. Mexico: Roca, 1977.

VYJOYANANDA, Swami, *Srimad Bhagavad-gita: canto do Senhor*, traduzido da versão em espanhol: Buenos Aires: Ramakrishna Ashrama, s/d Disponível em: <http://www.estudantedavedanta.net/Srimad_Bhagavad_Gita_portugues_rev2.pdf> Acesso em: 7 nov. 2012.

ROLLAND, Romain. *La vida de Vivekananda*. (s/l, s/n, s/d) Disponível em: <<http://www.estudantedavedanta.net/A-Vida-de-Vivekananda-por-Romain-Rolland.pdf>> Acesso em: 22 abr.2012.

SHANKARACHARYA, Sri. *Autoconocimiento – Atmabodha – introduccion y comentarios de Swami*

Nikhilananda. Buenos Aires: Hastinapura, 1999.

_____. *Vivekachudamani – o diadema da sabedoria*. Porto Alegre: FEEU, 1968.

SILVA, L.R. *Unesco: Os quatro pilares da “educação pós-moderna”*. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/5272/4689>> Acesso em: 12 dez.2012.

THORNE, Sabina. (Org.) *Preceptos de perfeccion – enseñanzas de los discípulos de Ramakrishna*. Buenos Aires: Kier, 1987.

TYAGANANDA, *A visão de Swami Vivekananda sobre Vedanta*, s/d. Disponível em: <http://www.vedantacuritiba.org.br/site/txt/visao_swami_vivekananda_vedanta.pdf> Acesso em: 10 dez.2012.

ZIMMER, Heinrich Robert. *Filosofias da Índia – Heinrich Zimmer - Compilado por Joseph Campbell*. São Paulo: Palas Athena, 1986.

Sobre o autor:

Psicóloga com especialização em Psicossomática, Advogada e Mestre em Ciência Política com foco em direitos humanos, cidadania e prevenção à violência. Docente da Universidade Católica de Brasília (UCB). Idealizadora do Núcleo de estudo em interculturalidade, interreligiosidade e cultura de paz da UCB; coordenadora do Projeto do Projeto Meditação no Campus do Programa UCB em Viver, Meditação no Campus do Programa UCBem Viver.

E-mail: Liviaborges5@gmail.com